



PRÁTICAS DE ORALIDADE EM AULAS DE PORTUGUÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Autor: Masenildo Soares da Silva
Universidade Estadual da Paraíba
masenildo@hotmail.com

Orientador: Juarez Nogueira Lins
Universidade Estadual da Paraíba
Junolins@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa quanti-qualitativa parte dos estudos da área de Linguística: Marcuschi (1996, 2001), Ramos, (1999), Castilho (2000), Schneuwly e Dolz (2004), Fávero (2012), Estes autores consideram relevante expandir, ou talvez implantar, atividades que contribuam para o desenvolvimento da proficiência oral dos alunos. A escola não deve privilegiar apenas o ensino da escrita. É necessário que se crie oportunidades de produção oral, escuta e análise da modalidade falada, na escola básica, com o objetivo de permitir aos alunos (as) cidadania e atuação nos diferentes contextos sociais que solicitam a oralidade. Neste contexto, pesquisar a oralidade na sala de aula se justifica de modo geral, pela relevância da língua oral no mundo contemporâneo. Do ponto de vista acadêmico, justifica-se ampliar e trazer mais discussões sobre oralidade e práticas de oralidade na escola básica, a partir do reconhecimento das práticas já existentes nas salas de aulas de Língua Portuguesa. Assim, objetivou-se descrever e analisar as opções didático-metodológicas direcionadas às práticas de oralidade nas aulas de LP, no Ensino Fundamental de Escolas Públicas de Guarabira/PB, buscando compreender o porquê de serem desenvolvidas da forma que são. Esse artigo é parte integrante do projeto PIBIC, no qual faço parte enquanto bolsista voluntário.

Palavras-chave: Ensino da Oralidade, Escola Pública, Proposta Metodológica.

INTRODUÇÃO

A educação atual é marcada por diversas transformações em seu cenário, os processos pedagógicos são cada vez mais questionados acerca de sua implementação nas práticas de ensino. A todo o momento mais questionamentos de como devemos ensinar surgem. O “passar conhecimento” antes tão constituído na mente de tantos é substituído pelo “construir o saber” onde o contanto direto com o cotidiano do aluno é levando em conta, havendo uma quebra de barreiras antes existente entre professor e aluno.

Mudanças na cultura, economia e no âmbito tecnológico oferecem uma gama de novas formas de edificação de conhecimento e esse grande volume de informação está refletindo

diretamente no ensino, exigindo assim, que a escola antes com seu ensino tradicional, arcaica e bastante desestimulante busque uma nova formulação desse ambiente, tentando possibilitar ao alunado formas e maneiras mais motivadoras para que haja assim, uma troca de conhecimento e acima de tudo a construção do pensamento crítico e reflexivo dos mesmos.

o momento nacional é de luta, de renovação e incita à mudança, a favor de uma participação cada vez maior de toda população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. O professor não pode ausentar-se desse momento nem, tampouco, estar nele de modo superficial. O ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participantes e atuantes, política e socialmente. (ANTUNES, 2003, p.15.)

O aluno por ser inserido em uma sociedade ampla de busca e armazenamento de informação já chega à sala com um conhecimento prévio, sobretudo adquirido na modalidade oral, todavia por não ser abordada essa prática de forma construtiva em sala, o educando perde esse conhecimento que poderia ser filtrado e transformado em conhecimento e saber.

A oralidade é vista por muitos da área educacional apenas como o meio de passagem de conhecimento, onde a sua utilidade é simplesmente delimitada ao falar. Entretanto, o que muitos não sabem é que a oralidade é mais que apenas meio transmissor de conhecimento e se utilizado como auxílio em diversos contextos pode torna-se uma eficiente ferramenta de ensino e aprendizagem.

O ensino de oralidade é um desafio ainda não dominado por muitos educadores, porém esse não deveria nem perdurar-se na educação. A oralidade é o recurso de comunicação mais antigo utilizado pela sociedade, ou seja, esse deveria ser um dos principais meio a contribuir com o ensino. No entanto a adição do cotidiano do aluno não é aceita por boa parte dos docentes, tornando o recurso oral dispensável. Antunes (2013) fala que “não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especificamente, pela “voz” pela “comunicação”, pela “atuação” e interação “verbal”, pela linguagem”.

É notório que as escolas têm a necessidade pedagógica de novas formas de representação oral, pois o social por ser o princípio construtivo do conhecimento precisa ser explorado e sobretudo inserido na escola. O lugar da oralidade no ensino não deve ter um lugar privilegiado mais dever ser comparado e incorporado assim como as práticas gramaticais, de leitura e produção textual. Antunes (2013, p.99) “a oralidade apresenta a mesma dimensão interacional que foi pretendida para a escrita e para a leitura”.

Perante o contexto apresentado esse artigo tem por finalidade fazer uma breve exposição dos dados obtidos nessa primeira fase referente



ao projeto PIBIC que tem como foco as práticas de língua portuguesa sobretudo a oralidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, quantitativa e qualitativa com subsídios de pesquisa de campo e observação participante foi realizada nas escolas básicas de Guarabira/PB. A amostra foi composta por 04 (quatro professores) das citadas escolas e teve como instrumento de pesquisa um questionário semi-estruturado com questões fechadas e abertas. Como procedimento de pesquisa seguiu-se:

- a) Contato com os professores para apresentação do projeto e observação de aulas, das quais se participou como colaborador.
- b) Entrega e preenchimento do questionário;
- c) Coleta do material (dos questionários);
- d) Tratamento estatístico dos dados da pesquisa;
- e) Confronto dos dados estatísticos com os dados da pesquisa.

DISCUSSÃO

Distribuído entre cada pesquisador participante do PIBIC uma prática recorrente nas aulas de LP, o subtema de minha responsabilidade foi à oralidade, onde o questionário desenvolvido para esse teve o enfoque de observar como está sendo a aplicação dessa prática perante a visão do professor.

O mesmo foi aplicado com o total de quatro professores, a fim de ser gerados gráficos que foram previamente analisados para o levantamento futuro de hipóteses. Os resultados adquiridos buscam conhecer como está sendo desenvolvido o ensino da oralidade na realidade educacional pública atual.

Passemos a apresentar os dados e suas análises de forma primárias. Vejamos:

Gráfico 01:



Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.

ANÁLISE DO GRÁFICO 01:

Observamos no gráfico 1 que todos os entrevistados (100%) tem em sua formação a graduação em Letras.

Gráfico 02:



Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.

ANÁLISE DO GRÁFICO 02:

No gráfico 02, chegamos aos seguintes dados, 50% acreditam que suas práticas de oralidade em sala correspondem as expectativas dos alunos e os mesmo se sente motivados, 50% acreditam que as práticas corresponde a expectativas, mas nem todos os alunos sentem-se motivados.

Gráfico 03:



Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.

ANÁLISE DO GRÁFICO 03:

Quando perguntado sobre as principais dificuldades para a realização de mais práticas de oralidade na sala de aula chegamos às seguintes porcentagens; 37,5% afirmam que a carga horária da disciplina de português não ajudam a implementar demais práticas, 12,5% falam que a principal dificuldade é a falta de recursos adequados na escola, 12,5% explicitam a deficiência dos alunos nos conteúdos ministrados, 12,5% citam como ponto a dificuldade própria de adaptar novas práticas em sala, 12,5% expõe a disponibilidade dos alunos em aceitar mudanças e 12,5% falam que outros fatores influenciam mais.

Gráficos 04:



Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.

ANÁLISE DO GRÁFICO 04:

Quando perguntado sobre as dificuldades dos alunos em relação a oralidade temos as seguintes afirmações; 60% falam que os alunos não gostam de expressasse oralmente por conta da timidez, 20% falam que os alunos preferem a forma tradicional de escrita que novas interações da parte oral e 20% falam que os alunos gostam de se expressar oralmente, mas outros fatores influenciam a não utilização dessa prática.

Gráfico 05:



Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.

ANÁLISE DO GRÁFICO 05:

Quando questionados a respeito do tempo gasto durante a semana em sala de aula com as práticas de oralidade chegamos ao seguinte resultado; 50% dos professores entrevistados gastam cerca de 2h/s, semanais e 50% cerca de 1h/s semanal nessa já citada prática.

Gráfico 06:



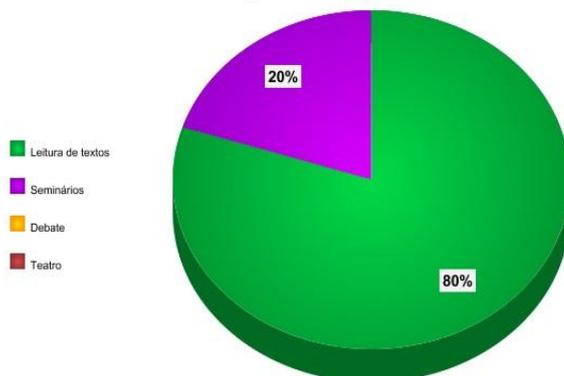
Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.

ANÁLISE DO GRÁFICO 06:

No gráfico de número 06 temos como foco os gêneros textuais que são mais explorados em sala, junto aos entrevistados chegamos ao seguinte resultado; 40% utilizasse dos contos como principal gênero textual para trabalhar a oralidade, 10% usam poemas, 10% debates, 10% fábulas, 10% prozas e 10% utilizam-se de outros textos não citados.

Gráfico 07:

PESQUISA: PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (ORALIDADE)



QUE ESTRATÉGIAS SÃO MAIS UTILIZADAS DURANTE AS AULAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS?

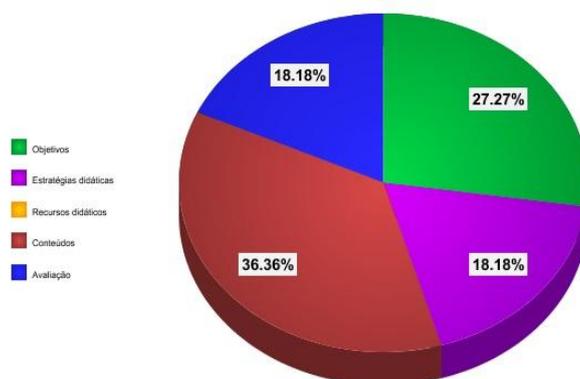
Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.

ANÁLISE DO GRÁFICO 07:

Quando perguntados sobre as estratégias utilizadas durante as aulas de leitura de produção de textos orais temos as seguintes porcentagens, 80% usam leituras de textos para explorar a oralidade, 20% utilizam-se de seminários, já debate e teatro não foram citados pelos entrevistados.

Gráfico 08:

PESQUISA: PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (ORALIDADE)



AO PLANEJAR SUA AULA, QUE ASPECTO CONSIDERA MAIS IMPORTANTE NO SEU PLANEJAMENTO?

Fonte: Pesquisa; Práticas de Língua Portuguesa (Oralidade). Coord. Dr. Juarez Nogueira Lins, PIBIC-CH-UEPB-CAMPUS III, 2016.



ANÁLISE DO GRÁFICO 08:

Quando perguntado sobre o principal aspecto considerado em seus planejamentos didáticos temos os seguintes resultados; 36.36% pesam no conteúdo, 27.27% tem como foco os objetivos, 18.18% nas estratégias didáticas e 18.18% pensam na avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito principal deste trabalho foi de apresentar e analisar de forma primária a frequência do uso da oralidade pelos docentes das escolas públicas, com intuito de trazer conhecimento prévio acerca do tema proposto.

Através do questionário aplicado junto aos professores das escolas públicas de nossa região conseguimos alcançar o objetivo deste trabalho, identificando mesmo que de forma superficial o desenvolvimento das práticas de oralidade, assim como alguns aspectos que de início podemos dizer que levantam hipóteses de influência na não disseminação da oralidade em sala.

Muitos professores buscam novas formas de ensinar com o propósito de tornar suas aulas de língua portuguesa menos enfadonha e conseqüentemente mais produtivas, porém nem sempre conseguem produzir métodos e utilizar recursos para essas inovações. Dentre esses problemas de produção de métodos podemos citar a falta de tempo dos docentes que por vezes tem em sua rotina mais e uma escolar a lecionar.

A infla-estrutura dessas escolas, a gestão por muitas vezes tradicionalistas não aceitando novas alterações em seus planos batidos de anos e anos, também tem seu peso de influência na desestimulação dos professores. Tornando-os por vezes peça de controle de quem o comanda.

Com isso podemos concluir que, um ponto de relevância para nossos estudos foram os fatores apresentados pelos docentes entrevistados onde esses serão de grande colaboração na continuidade do projeto, artefatos que serão de valor ímpar para a próxima fase, sobressaltando em meu domínio a prática de oralidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. Parábola Ed., 2003.
BAKHTIN, Mikhail. Língua, fala e enunciação. **BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da**



linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1998. p.90-109.

BAKHTIN, Mikhail; DA LINGUAGEM, Filosofia. Questões de estilística no ensino da língua. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo), 1997.

BENTES, Anna Christina. Oralidade, política e direitos humanos. ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura.** São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** Cortez Editora, 2008.

OLSON, David RE TORRANCE. "Nancy. **Cultura escrita e oralidade.**" *São Paulo* (1995).